



# A POSSIBILIDADE DO CONHECIMENTO DAS REALIDADES SUPERIORES SEGUNDO AL-FĀRĀBĪ<sup>1</sup>

Virgínia Braga da Silva Santos<sup>2</sup>

## *The possibility of knowledge of higher realities according to Al-Fārābī*

### **Resumo:**

O presente trabalho é o resultado de um estudo acerca do processo de conhecimento segundo o filósofo árabe Abu Nasr Al-Fārābī (872-950). Nas obras farabianas, a epistemologia se coloca como um dos pontos mais relevantes para todo o seu sistema filosófico, pois é por meio do conhecimento que os seres humanos podem alcançar a perfeição e, conseqüentemente, a felicidade (sa'ādah). Seguindo a linha da filosofia aristotélica, Al-Fārābī afirma que a felicidade deve ser compreendida como a vida contemplativa, sobretudo a contemplação daquilo que há de mais elevado: as realidades superiores. No decorrer de seus escritos, o filósofo árabe deixa claro que conhecer as realidades superiores é algo possível aos seres humanos. Contudo, na Epístola Sobre o Intelecto, Al-Fārābī argumenta que o conhecimento é o processo no qual as formas são abstraídas da matéria. Disto, surge a seguinte questão: como é possível conhecer as realidades superiores, uma vez que elas não são formas unidas a uma matéria da qual possam ser abstraídas? A resposta a essa questão pode ser encontrada a partir de uma investigação sobre como os seres humanos conhecem, e se há neles algo que os torne aptos para uma apreensão direta das realidades metafísicas.

**Palavras-chave:** Al-Fārābī. Realidades Superiores. Conhecimento. Perfeição. Felicidade.

### **Abstract:**

*The present work is the result of a study about the process of knowledge according to the Arab philosopher Abu Nasr Al-Fārābī (872-950). In the pharabian works epistemology stands as one of the most relevant points for his entire philosophical system, because it is through knowledge that human beings can reach perfection and consequently happiness (sa'ādah). Following the line of Aristotelian philosophy, Al-Fārābī states that happiness should be understood as the contemplative life, especially the contemplation of what is higher: the higher realities. Throughout his writings, the arab philosopher makes it clear that knowing the higher realities is something possible for human beings. However, in the Epistle On the Intellect, Al-Fārābī argues that knowledge is the process in which forms are abstracted from matter. From this, the following question arises: how is it possible to know the higher realities, since they are not forms united to a matter from which they can be abstracted? The answer to this question can be found from an investigation into how human beings know and whether there is something in them that makes them suitable for a direct apprehension of metaphysical realities.*

**Keywords:** Al-Fārābī. Higher Realities. Knowledge. Perfection. Happiness.

1. Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado defendida pela autora, dissertação intitulada A conquista da felicidade por meio da religião na perspectiva de Al-Fārābī. São utilizados como referências, sobretudo, os capítulos 3 (A ordem do universo: um conhecimento para a felicidade), 4 (A comunidade: condição necessária para a felicidade) e 5 (A religião como caminho que conduz o ser humano à felicidade).

2. Doutoranda e mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora de Filosofia na rede de educação básica do estado do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7171-9253>

## 1. INTRODUÇÃO

A filosofia desenvolvida por Al-Fārābī estabelece uma relação entre a epistemologia e a ética, na medida em que a conquista da felicidade (sa'ādah) depende do desenvolvimento da virtude intelectual<sup>3</sup>, isto é, implica a aquisição de conhecimentos que aprimorem a razão. O conhecimento que conduz à felicidade é o conhecimento do belo, pois "[...] somente obtemos a felicidade quando estamos em posse das coisas belas [...]" (AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 68, tradução nossa). Ao explicar o que é o belo, o filósofo árabe argumenta que ele possui uma parte que depende apenas do conhecimento e outra que articula conhecimento e ação. Assim, se entende que, para alcançar a felicidade, é preciso conhecer o belo e agir conforme ele. O que nos humanos desempenha a atividade teórica e prática é a razão, portanto, ela é apta para conhecer o belo e agir com base nele. Logo, é por ela que "[...] o homem entende, pela qual tem reflexão, pela qual adquire as ciências e as artes e pela qual distingue entre o belo e o deplorável das ações" (AL-FĀRĀBĪ, 2008, p. 168, tradução nossa). Definida nesses termos, a conquista da felicidade depende do aperfeiçoamento da razão<sup>4</sup>.

Ao propor que a felicidade é obtida pela razão, Al-Fārābī também expõe que, dentre os seres da esfera sublunar<sup>5</sup>, apenas o ser humano pode alcançá-la (Cf. AL-FĀRĀBĪ, 2008, p. 98, tradução nossa). A justificativa para isso é exposta na Epístola sobre o Intelecto (al-Risāla fī-l 'aql), quando se diz que é pela faculdade intelectual que os humanos alcançam o conhecimento das realidades imateriais, chegando a identificar-se com elas. Atingir esse saber é a [...] felicidade suprema e a vida última [...]" (AL-FĀRĀBĪ, 2001, p. 88, tradução nossa). Dessa forma, entende-se que o belo, ao qual o pensador se refere na obra O Caminho da Felicidade, ao afirmar que só é possível obter a felicidade na posse do belo, são as

realidades superiores imateriais que são a Causa Primeira, as Causas Segundas e o Intelecto Agente. Realidades que "[...] não são corpos, nem estão em corpos [...]" (AL-FĀRĀBĪ, 2008, p. 54, tradução nossa).

Com isso, fica estabelecido que o principal conhecimento humano é de caráter metafísico. Contudo, ao analisar a natureza do intelecto humano, evidencia-se um problema em torno do conhecimento das realidades metafísicas. Al-Fārābī argumenta que, em um primeiro momento, o intelecto é potência, isto é: "[...] uma certa coisa cuja essência foi preparada para separar a essência de todos os seres, assim como as formas dos materiais, fazendo deles uma forma ou formas para si mesmo" (AL-FĀRĀBĪ, 2001, p. 70, tradução nossa). Assim, o intelecto em potência é uma parte da alma ou uma faculdade da alma cujo trabalho é abstrair as essências e as formas de tudo o que existe, a fim de que essas formas constituam uma forma por si, sem matéria. Uma vez que o intelecto em potência tenha se apropriado das formas, se atualiza e transforma-se em intelecto em ato. Portanto, quando as formas são abstraídas da matéria, os inteligíveis deixam de ser potência e se tornam ato, fazendo com que o intelecto em potência se torne intelecto em ato. A partir disso, o filósofo identifica o ato de abstrair com o de entender, de modo que ter a inteligência de algo significa "[...] que as formas que estão nas matérias estão separadas de suas matérias e que uma outra existência, diferente da sua primeira existência, lhe advém" (AL-FĀRĀBĪ, 2001, p. 78, tradução nossa). Contudo, se o conhecimento humano das formas se realiza pela abstração da matéria, como é possível conhecer as realidades metafísicas, uma vez que elas nunca estão em uma matéria de modo que possam ser abstraídas?

Na Epístola sobre o Intelecto, Al-Fārābī indica uma solução para o problema ao informar que, quando o intelecto se torna ato, passando a refletir sobre as formas

3. A ética é necessária para a obtenção da felicidade, pois compreende as ações que proporcionam a felicidade (virtudes). As virtudes são de quatro classes: virtudes teóricas, virtudes deliberativas, virtudes morais e artes práticas. Al-Fārābī as organiza em duas categorias: intelectuais (virtudes teóricas e virtudes deliberativas) e éticas ou morais (virtudes morais e artes práticas). As virtudes intelectuais são relativas à parte racional, enquanto as virtudes morais são relacionadas à parte apetitiva da alma humana, sendo originadas pelo hábito e o costume.

A resposta farabiana do que é a felicidade reflete a influência aristotélica, pois, segundo o filósofo grego "[...] a atividade de Deus, que supera todas as outras em bem-aventurança, deve ser contemplativa; e das atividades humanas, portanto, o que é mais semelhante a isso deve ser mais da natureza da felicidade" (ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco, 1178b 21-24).

Al-Fārābī se destacou por ter elaborado uma cosmologia que se apresenta da seguinte forma: "Os princípios pelos quais se constituem os corpos e seus acidentes são de seis classes; tem seis graus máximos e cada grau corresponde a uma classe" (AL-FĀRĀBĪ, 2008, p. 53, tradução nossa). No primeiro grau, está a Causa Primeira; no segundo, as Causas Segundas; no terceiro, o Intelecto Agente; no quarto, a Alma; e a forma e matéria estão, respectivamente, no quinto e sexto grau. Os três primeiros não são corpos e nem estão em corpos, os três últimos estão em corpos apesar de, em si mesmos, não serem corpos. Esses graus estão acima da esfera lunar, sendo os responsáveis pela existência de todas as realidades existentes na esfera sublunar, a saber: animal racional, animal irracional, plantas, minerais e os quatro elementos.

abstraidas que possui, se converte em intelecto adquirido. Ao pensar-se a si mesmo e ao conhecer os seus próprios conteúdos em ato, o intelecto cria a possibilidade de adquirir as formas separadas, tornando-se apto para uma intuição das formas inteligíveis que nunca existiram na matéria. Nesse sentido, a resolução dessa problemática é possível mediante uma investigação acerca de como os seres humanos conhecem, bem como se o conhecimento humano é efetivamente seguro. Assim, levando em consideração esta breve introdução, e o problema apresentado, este trabalho se propõe a argumentar sobre a possibilidade do conhecimento das realidades metafísicas segundo a filosofia farabiana. Para tanto, segue-se uma investigação que será desenvolvida em dois pontos: a garantia do conhecimento humano e o conhecimento e a conquista da felicidade.

## 2 A GARANTIA DO CONHECIMENTO SEGUNDO AL-FĀRĀBĪ

Al-Fārābī elabora um estudo sobre como tornar um conhecimento seguro. Assegurar o conhecimento é algo fundamental, pois é por meio do saber que os seres humanos podem alcançar a sua perfeição e, conseqüentemente, a felicidade. O que pode ser conhecido pelo ser humano é de duas classes: uma, cuja natureza é ser apenas conhecido, e outra, que consiste em ser conhecido e ser objeto da ação. A perfeição do que consiste em ser apenas conhecido está em ser conhecido, enquanto a perfeição do que consiste em ser conhecido e objeto da ação está em ser realizado. Pode-se, assim, admitir a existência de uma parte teórica e uma prática, e que ambas possuem artes pelas quais é possível alcançá-las. Desse modo, as artes serão de duas classes: uma, por meio da qual se adquire o conhecimento daquilo que se deve apenas saber; e outra, pela qual se obtém o conhecimento do que deve ser feito e a capacidade de fazê-lo. A finalidade de todas essas artes é o belo e o útil. A arte que tem por finalidade

alcançar o belo e, conseqüentemente, a felicidade, é a filosofia<sup>6</sup>. Portanto, entende-se que o filósofo árabe estabelece um caminho onde só é possível obter a felicidade a partir da filosofia, mas como a filosofia é adquirida? Ela é obtida pela excelência do discernimento, que é alcançado ao se instruir a mente na percepção do correto, e isso é possível pela arte da lógica. Assim, a lógica é o primeiro passo no caminho que conduz o ser humano à felicidade. A lógica tem a finalidade de:

[...] corrigir o entendimento, guiar diretamente o homem no caminho do sucesso e lhe dar a segurança da verdade em todos os conhecimentos racionais em que cabe o erro; também, lhe dar as regras que vão preservá-lo e protegê-lo do erro e do sofisma nas questões racionais; também, dar as regras necessárias para avaliar a verdade daqueles conhecimentos no qual cabe a possibilidade do entendimento cair no erro. (AL-FĀRĀBĪ, 1953, p. 8, tradução nossa).

Dessa maneira, a lógica torna o indivíduo apto para um correto discernimento do que é verdadeiro e do que é falso. Trata-se de uma função necessária, pois existem juízos que estão gravados na alma humana e, neles, não há equívoco, mas há juízos alcançados pelo silogismo e pela indução e, por meio deles, pode-se distanciar da verdade. Ademais, a lógica permite que um indivíduo não se limite a meras opiniões na formação de seus juízos, pois, por meio dela, ele obtém a verdade. No entanto, qual é a verdade da qual não se deve apartar, ou, em outros termos, qual o objeto da lógica? O verdadeiro conhecimento é o das realidades últimas, isto é, dos inteligíveis. Portanto, a lógica se ocupa das ideias dos inteligíveis (enquanto guardam relação semântica ou significativa com as palavras) e das palavras (enquanto significam as ideias). Isso ocorre porque não é possível avaliar, dentro do espírito, a verdade de um juízo, a não ser por meio da reflexão, examinando atentamente e fixando no espírito certas ideias e objetos, cuja função é servir de meio para provar a verdade daquele juízo. De modo semelhante, não é possível demonstrar a verdade dos juízos aos demais, a não ser falando com palavras

6. Segundo Al-Fārābī, a ciência que se ocupa da felicidade é a filosofia, pois ela se ocupa do estudo do belo e, uma vez que só se alcança a felicidade quando se tem a posse das coisas belas, se conclui que é pela filosofia que se chega à felicidade. Como o belo possui duas partes (uma que é apenas conhecimento e outra que é conhecimento e ação), a filosofia também tem uma divisão: uma pela qual se alcança o conhecimento dos seres que não são objeto da ação humana, denominada filosofia teórica, e outra pela qual se adquire o conhecimento das coisas cuja natureza consiste em serem feitas, dentre as quais a capacidade de fazer o belo, é, portanto, chamada filosofia prática e filosofia política. A filosofia teórica compreende três classes de ciência: ciência matemática, ciência física e ciência metafísica, todas essas ciências compreendem a classe de seres que podem ser conhecidos. No que respeita à filosofia política, há nela uma divisão em duas classes: a primeira é a ética (por ela se adquire o conhecimento das ações belas, os hábitos morais dos quais provém as ações belas e a capacidade de adquiri-las, a fim de que as ações belas se convertam em ato); a segunda é a filosofia política e ciência política, esta abarca o conhecimento daquilo pelo qual os habitantes das cidades alcançam as coisas belas e a capacidade de adquiri-las e conservá-las neles.

que lhes façam compreender aquelas ideias e objetos cuja função é servir de meio para demonstrar a verdade daquele juízo.

A partir disso, o pensador árabe propõe um vínculo entre a lógica e a gramática, ao explicar que a lógica se vincula ao discurso, pois é por meio das palavras que as ideias e os juízos são expressos. Nesse sentido, "A lógica tem em comum com a gramática o dar, como esta, regras sobre o uso de palavras e difere dela porque, enquanto a gramática dá apenas as regras próprias e privadas das palavras de um determinado povo, a lógica dá as regras comuns e gerais para as palavras de todos os povos" (AL-FĀRĀBĪ, 1953, p. 13, tradução nossa). Assim, apesar de sua relação, distinguem-se pelo campo de atuação, pois a gramática, enquanto se ocupa da linguagem (variada em cada povo), possui um caráter particular, já a lógica possui as regras de caráter universal que podem reger todo pensamento humano<sup>7</sup>. Desse modo, a gramática "[...] que é uma ciência particular, típica de cada povo, comparada ao caráter de arte universal que a lógica possui, não é um instrumento ideal para a busca da verdade" (RAMÓN GUERRERO, 2008, p. 22, tradução nossa). Devido a sua universalidade, a lógica é a ciência adequada para se ocupar da razão. Em linhas gerais, a relação da arte da gramática com as palavras é como a relação da arte da lógica com os inteligíveis.

Com isso, o primeiro passo no caminho em direção à felicidade é a aquisição da arte da lógica. Todavia, para investigar o que há em cada arte, o ser humano precisa ter os primeiros conhecimentos, isto é, os primeiros princípios, que são definidos como: "[...] aquelas coisas cujo conhecimento pertence ao homem, alguns são aqueles cujo conhecimento ninguém carece, desde que ele seja de mente sã, tal como o todo é maior e mais do que a sua parte ou que o homem não é um cavalo e outros semelhantes" (AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 72, tradução nossa). Os princípios pelos quais se deve iniciar na lógica são coisas cujo conhecimento é anterior no indivíduo. Tais conhecimentos são de três classes: o primeiro, inclui os princípios da geometria especulativa; o segundo contém os princípios de honestidade e desonestidade nas atividades que o ser humano deve realizar e o terceiro, os princípios úteis para compreender as

maneiras de ser dos seres cuja existência não pode ser objeto de uma ação humana, permitindo conhecer seus princípios e graus. Esses conhecimentos primários estão na mente humana desde o começo de sua existência, de maneira inata. Por vezes, há coisas na mente que o indivíduo não se dá conta até que sejam nomeadas, assim como não percebe muitas coisas necessárias para começar a arte da lógica. Contudo, esses primeiros conhecimentos estão na sua mente. Com isto, a gramática é importante para tratar das palavras significantes e que informam os primeiros princípios da arte da lógica. Nessa perspectiva, a gramática contribui para que a lógica atue como ferramenta de aperfeiçoamento da razão. Apenas quando o indivíduo dispõe de um excelente discernimento, será possível distinguir entre o que é correto e o que é errado e quais destas ações o conduzirão à felicidade.

### 3. O CONHECIMENTO E A CONQUISTA DA FELICIDADE SEGUNDO AL-FĀRĀBĪ

Ao analisar a estrutura do ser humano, Al-Fārābī identifica que ele é composto de dois princípios: a matéria (que corresponde ao corpo) e a forma (que é a alma). O corpo está composto de partes, limitado pelo espaço, sendo mensurável e divisível, já a alma está livre de toda qualidade corporal, sendo o produto do último intelecto separado do mundo suprassensível (Intelecto Agente). A alma é entendida como o ato final mais importante de um corpo que tem vida em potência. Portanto, pode-se afirmar que a alma é o princípio que dá sentido, movimento, sabedoria e conhecimento ao corpo. A alma, de modo geral, desempenha uma função muito importante, pois ela atua como nexo para união dos seres emanados com a fonte de sua emanção. A base para esta união é o desejo. Pois, sendo a alma o princípio do movimento, ela produz em cada ser uma tendência para conhecer sua causa e a Causa Primeira. Nesse sentido:

As almas se movem pelo desejo e se movem para as esferas. Elas buscam o melhor: assemelhar-se ao intelecto de onde vêm e ao Amado Primeiro, do qual todo ser recebe sua forma e sua perfeição. Assim, a alma é o motor que dá aos seres um impulso dinâmico. Sem a

7. Pode-se dizer que "Esta relación entre lógica y lenguaje está fundada em los textos de Aristóteles y en la misma tradición aristotélica, que sistematizó lógicamente las categorías del lenguaje usual. Esta tradición que él recibió se vio reforzada en el mundo árabe por el carácter de la revelación divina: Dios habla una lengua, el árabe. Y esto confirmó pues ya lo estaban la necesidad de incluir Retórica y Poética como partes del Organon, porque ambas artes silogísticas, como las denomina al-Fārābī, proporcionan los discursos adecuados para las necesidades de expresión de la revelación, el discurso retórico y el poético". (RAMÓN GUERRERO, Rafael. 2008, p. 30)

alma, o universo seria algo estático e imóvel, mas, através dela, todo o universo se move com um jogo de desejo e amor. (RAMÓN GUERRERO, 1992, p. 163, tradução nossa).

Portanto, é por meio da alma que se explica o movimento de retorno dos seres possíveis ao ser necessário e primeiro. A alma age no corpo através das faculdades que lhes são próprias. A essas faculdades, pertence a capacidade de alimentar-se, de crescer e de criar e as demais potências que o ser humano compartilha com o restante dos seres vivos. Contudo, os humanos se diferenciam dos demais seres por possuírem o grau mais elevado da alma: a capacidade intelectual, isto é, a faculdade racional. A faculdade intelectual é a mais nobre da alma humana, pois é por ela que ocorre o aprimoramento do indivíduo. Partindo disso, é importante destacar que, dentre os seres sublunares, o ser humano é o único que pode desenvolver o seu ser na busca da perfeição, saindo do estado da potência para o ato. Logo, o ser humano é o único capaz de alcançar a perfeição mais excelente, que é definida como a felicidade última. A respeito disso, afirma-se:

O mais perfeito destes seres no mundo sublunar é o homem, uma vez que ele é o único de todos eles que possui uma faculdade pela qual ele pode ascender ao mundo superior: "Entre todos os animais o homem foi privilegiado em particular com uma alma, da qual se manifestam faculdades com as quais pode realizar ações através de órgãos corporais. Ademais, tem uma faculdade com a qual age sem um órgão corpóreo; esta faculdade é o intelecto". (RAMÓN GUERRERO, 1974, p. 163-164, tradução nossa)

Uma exposição detalhada acerca do intelecto é feita por Al-Fārābī na Epístola sobre o Intelecto (al-Risāla fī-l 'aql). Para que seja possível uma compreensão do que é o intelecto, o Segundo Mestre elenca os significados que ele pode ter, partindo do significado mais simples até o mais divino. Portanto, é preciso entender que:

O termo intelecto é dito de várias maneiras: A. a coisa para a qual a multidão recorre para dizer do homem que ele é inteligente; B. o intelecto que os teólogos constantemente têm em suas bocas, dizendo: isto é o que é afirmado pelo intelecto ou negado pelo intelecto; C. o intelecto mencionado pelo mestre Aristóteles no Livro da Demonstração; D. o intelecto que ele menciona no sexto tratado do Livro de Ética; E. o intelecto que ele menciona no Livro da Alma; F. o intelecto que ele menciona no Livro da Metafísica. (RAMÓN GUERRERO, 1974, p. 163-164, tradução nossa)

As seis divisões expostas por Al-Fārābī podem ser reagrupadas em quatro: (A e B) sentidos pré-filosóficos; (C e D) sentidos pré-gnoseológicos; (E) sentido gnosiológico; (F) sentido metafísico. A primeira se refere às opiniões comuns das pessoas ou opiniões com falta de premissas certas para fundamentar um saber científico. O segundo trata dos intelectos abordados por Aristóteles nos Analíticos Posteriores e na Ética a Nicômaco. A terceira definição apresenta quatro intelectos: intelecto em potência, intelecto em ato, intelecto adquirido e Intelecto Agente. Ao expor essas classes de intelecto, o objetivo do filósofo árabe é explicar como ocorre o processo de passagem do intelecto em potência para o intelecto ato. A quarta e última divisão se refere ao sentido de intelecto apresentado por Aristóteles na Metafísica: Al-Fārābī identifica esse sentido de intelecto com o seu Primeiro Princípio<sup>8</sup>.

É a partir dos sentidos gnosiológicos que se entende as etapas do processo de conhecimento humano, de modo a também se expor os polos do intelecto: uma receptividade (intelecto em potência) e uma causa (Intelecto Agente). O intelecto em potência, também denominado intelecto material, é a possibilidade de receber as formas inteligíveis, atualizar-se e transformar-se em intelecto em ato. O intelecto em ato é a realização das possibilidades do intelecto em potência mediante a concepção das formas inteligíveis. Isso acontece "quando os inteligíveis que ele [intelecto material]

8. Segundo Al-Fārābī, a Causa Primeira é plenamente intelecto. Também é inteligível (no sentido de que pode ser inteligida) enquanto é intelecto. Para ser inteligível, não necessita de nenhuma essência fora da sua que a entenda, pois a Causa Primeira entende a sua própria essência. Desse modo, é inteligível, pois sua essência é entendida e por entender sua própria essência é inteligente, de modo que é inteligível e inteligente. Sendo assim, a essência que é entendida é a mesma essência do que entende, podendo-se dizer que, no Ser Primeiro, a essência é equivalente à existência. Segundo Janos: "In the First, then, existence and thought is one and the same thing. Since It is nothing else but an immaterial intellect, its existence is identical to its thought, and it exists only in or through its thinking" (JANOS, 2012, p. 182). Nesse sentido, afirma-se que a única atividade que há na Causa Primeira é a reflexiva, isto é, pensar a si mesma. Portanto, é cognoscente, visto que, para conhecer, não necessita de outra essência distinta da sua, nem para ser conhecida precisa de outra essência que o conheça; logo, é suficiente por si para conhecer e ser conhecida. O mesmo ocorre quanto a ser sábio, pois a sabedoria é entender as coisas mais excelentes e através de um discernimento excelente. Visto que a Causa Primeira entende e conhece sua essência, conhece o que há de mais excelente e por meio de um conhecimento excelente. Pode-se, então, dizer que ela é sábia e por sua própria essência, pois sua sabedoria não deriva do conhecimento de algo externo.



separou da matéria entram nele, então esses inteligíveis tornam-se inteligíveis em ato" (AL-FĀRĀBĪ, 2001. p. 72, tradução nossa). O intelecto em potência chega a ser em ato em relação às formas que já tem apreendido, mas permanece em potência a respeito das formas que ainda não tem apreendido. O processo de abstração das formas, que antes estavam nos objetos materiais, faz com que se percam as características individuais destes e se convertam em inteligíveis em ato, em universais. Abstrair as formas da matéria se constitui no primeiro grau do conhecimento no âmbito intelectual, enquanto o segundo grau de abstração é configurado pelo intelecto adquirido, que é o intelecto em ato que apreendeu os inteligíveis e volta a pensar neles. Dessa maneira:

Uma vez que o intelecto foi atualizado pelas formas inteligíveis e se produziu a identificação noética entre eles, pode-se realizar uma operação mais elevada que a mera abstração de formas materiais, voltando-se sobre si mesmo e conhecendo as formas inteligíveis uma vez que as possui. Medita seus próprios conteúdos e conceitos porque já tem adquirido um estatuto ontológico especial que lhes torna apto para serem pensados outra vez; é o que poderia chamar "pensamento reflexivo". Então, se pensa a si mesmo como intelecto em ato e se aperfeiçoa, chegando a ser intelecto adquirido. (RAMÓN GUERRERO, 1992. p. 194, tradução nossa)

Ao pensar-se a si mesmo e ao conhecer seus próprios conteúdos em ato, esse intelecto cria a possibilidade de adquirir as formas separadas (formas puras e imateriais), isto é: os seres separados e subsistentes por si mesmos, pertencentes ao mundo superior. Neste sentido, o intelecto adquirido é a perfeição do intelecto humano e, com relação aos intelectos anteriores (potência e ato), é um grau mais separado da matéria. Com o intelecto adquirido é possível a união com as substâncias separadas, de modo que o ser humano pode ter contato com o mundo superior. Por meio dessa descrição, é perceptível a relação hierárquica entre os três graus do intelecto humano. Os três intelectos funcionam como uma preparação de um para o outro. Assim, por meio do mais simples, é possível chegar ao mais completo. Contudo, há de se destacar que esse processo de atualização do intelecto humano só é possível mediante algo externo que o atualiza: o Intelecto Agente. O Intelecto Agente é o décimo ser emanado, estando entre os inteligíveis e os corpos compostos de matéria e forma. A finalidade do Intelecto Agente é "[...] ocupar-se do animal racional e procurar que alcance o mais elevado grau de perfeição que cabe ao homem chegar: a felicidade suprema; quer dizer, fazer que o homem chegue ao grau

do intelecto agente" (AL-FĀRĀBĪ, 2008. p. 55, tradução nossa). O alcance da felicidade é o fim da existência humana, ela é o bem absoluto. A felicidade suprema é obtida quando o ser humano não necessita, para subsistir, de nada do que está abaixo de si, como o corpo, matéria ou algum acidente, além de quando permanece sempre nesta perfeição. Para atualizar o intelecto humano, o Intelecto Agente atua libertando os seres da matéria, pois "[...] o que impede algo de ser intelecto e entender em ato é a matéria" (AL-FĀRĀBĪ, 2008. p. 70, tradução nossa). Ao libertá-los, faz com que os inteligíveis que estão em potência se convertam em inteligíveis em ato. Com isso, entende-se que:

O intelecto em potência se converte em intelecto em ato quando chegam a realizar-se e atualizar-se nele os inteligíveis. Iguamente, os inteligíveis em potência se reduzem a inteligíveis em ato quando chegam a ser objeto do entendimento em ato, mas primeiro pré exigem um ser externo, que da potência os reduza ao ato. Esse agente, que da potência os reduz ao ato, é uma essência cuja substância é ser entendimento em ato e separado da matéria. Esse tal entendimento é o que confere ao entendimento hilico ou material que é entendimento em potência, algo que equivale à luz que o sol confere à vista. (AL-FĀRĀBĪ, 1995. p. 69, tradução nossa).

Desse modo, semelhante à luz que o sol proporciona à vista, o Intelecto Agente confere ao intelecto material algo que se imprime nele. Assim, o intelecto material conhece os objetos que de inteligíveis em potência se convertem em entendimento em ato. Sendo assim, quando o Intelecto Agente ilumina a faculdade racional, os sensíveis conservados na parte imaginativa se convertem em inteligíveis da faculdade racional e estes são os inteligíveis primeiros, comuns a todos os indivíduos. Por possuir os primeiros inteligíveis, há no ser humano uma perfeição primitiva que é uma capacidade de chegar à sua perfeição última (esta é a felicidade). Portanto, afirma-se que:

Pelo que se refere à parte racional da alma, quando ela se aperfeiçoa e se torna intelecto em ato, então, está próxima a ser semelhante às coisas separadas. Porém, a perfeição de seu ser, seu chegar a ser em ato, sua formosura, esplendor e beleza só são adquiridos por entender não só as coisas que estão por cima dela em grau, mas também por entender as coisas que estão abaixo dela em grau. (AL-FĀRĀBĪ, 2008. p. 67, tradução nossa)

Partindo disso, Al-Fārābī considera que a faculdade racional torna o ser humano semelhante aos inteligíveis,

pois ela é o que existe nele de mais perfeito e similar aos inteligíveis. Isso ocorre quando, por meio do processo de atualização do intelecto, o indivíduo conhece a si mesmo como inteligível, por possuir esse conhecimento, torna-se inteligente. Através da ação do Intelecto Agente na faculdade racional ocorre o aprimoramento no conhecimento dos inteligíveis e, assim, não há diferença entre eles, pois compreendem as mesmas realidades inteligíveis. Essa semelhança que o ser humano adquire lhe promove a felicidade absoluta. Por meio desse aperfeiçoamento, o ser humano se torna semelhante ao Intelecto Agente que o atualiza. Isso ocorre de modo que "Quando o intelecto agente flui uma emanção de formas que atualizam o intelecto humano, o homem adquire conhecimento das verdades inteligíveis, chegando a ser sábio e filósofo" (RAMÓN GUERRERO, 2004, p. 116, tradução nossa). Portanto, quando o ser humano chega ao nível mais elevado do seu intelecto, pode-se dizer que chegou à felicidade. Em outros termos: a verdadeira felicidade é um estado da alma em que esta existe livre da matéria e se encontra unida às substâncias puras, absolutamente livres da corporeidade. Assim, compreende-se que, por meio do processo de conhecimento, os indivíduos obtêm a felicidade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todo o exposto, resulta que, para Al-Fārābī, apesar da problemática quanto ao conhecimento das realidades superiores, ainda é possível conhecê-las pela atualização do intelecto. Garantir o conhecimento humano dos seres metafísicos é sustentar a possibilidade de obtenção da felicidade, pois esta tem uma natureza especulativa e consiste no processo de retorno do ser humano ao mundo inteligível por intermédio da razão. Esse processo se efetua ao realizar em ato os conhecimentos que, até então, se possuía em potência, chegando, com isso, a assemelhar à realidade inteligível. Para iniciar toda essa atualização intelectual, o ser humano se utiliza dos primeiros inteligíveis, que são os conhecimentos a priori. Sem eles o intelecto não seria atualizado. A partir dos primeiros conhecimentos, que são identificados com a perfeição primeira, é possível que se chegue à perfeição última, que é a felicidade absoluta. Tendo esse ponto de partida, ao longo deste trabalho, se investigou qual caminho deve ser trilhado para obter a felicidade.

Como já especificado, trata-se de um caminho baseado

na razão. Isso se justifica pelo fato de que só se obtém a felicidade quando se está na posse das coisas belas, estas são objeto de estudo da filosofia, e o conhecimento filosófico é adquirido pela excelência do discernimento. Portanto, afirma-se que a felicidade se adquire pela filosofia. A filosofia é teórica e prática: a primeira parte corresponde ao que deve ser apenas conhecido, a segunda consiste naquilo que deve ser conhecido e objeto da ação humana. A parte prática é definida como filosofia política e contém duas partes: ética e ciência política. Uma vez que a felicidade exige conhecimento e ação, não basta que o homem saiba o que ela é e o que precisa ser realizado para consegui-la, é necessário a execução dessas ações. É por meio da ética que se conhece o que deve ser feito e evitado para obter a felicidade, isto é, se conhece as virtudes e os vícios. Al-Fārābī compreende que as virtudes são de duas categorias, intelectuais e morais, e ambas são fundamentais para o alcance da felicidade. Neste trabalho, partiu-se das virtudes intelectuais, visto que elas consistem na perfeição racional e apenas quando a deliberação do indivíduo é excelente é possível que opte pelas boas ações.

Diante disso, identifica-se que Al-Fārābī articula epistemologia e ética ao colocar a posse da felicidade como o resultado de um longo processo de aprimoramento intelectual. Dessa maneira, é preciso que o intelecto material, que pode ser identificado como o primeiro momento da caminhada cognitiva, passe a ser intelecto em ato, ao abstrair as formas da matéria e, assim, ao refletir sobre as formas puras que possui, se estabeleça como intelecto adquirido. Nessa última etapa, o intelecto humano está apto para uma intuição de formas puras, o que só é possível pela intervenção do Intelecto Agente. Ser intelecto adquirido indica que o indivíduo adquiriu independência da matéria, e, portanto, pode ser contado entre os seres inteligíveis. A solução proposta pelo filósofo árabe destaca a forma como esse conhecimento se realiza em um indivíduo. Mas, no Livro da Política (Kitāb al-siyāsa al-madaniyya), ele expõe que os indivíduos são distintos, o que sugere que nem todo sujeito pode, isoladamente, seguir por esse caminho de atualização do intelecto. Com isso, Al-Fārābī argumenta a necessidade de uma comunidade ideal, regida por um governante virtuoso que, por já ter trilhado esse caminho, é apto para conduzir os seus companheiros no mesmo processo. Assim, se conclui que o conhecimento das realidades superiores, o que implica a conquista da felicidade, é possível mediante a razão, e todo esse processo epistemológico também se realizará na vida política.

## 5. REFERÊNCIAS

---

AL-FĀRĀBĪ, Abū Nasr. **Artículos de la ciência política. In: Obras filosóficas y políticas.** Edición y traducción de Rafael Ramón Guerrero. Madrid: Liberty Fund y Editorial Trotta, 2008.

AL-FĀRĀBĪ, Abū Nasr. **Catálogo de las ciências.** Traducción. De Ángel Gonzales Palencia. Madrid: CSIC, 1953.

AL-FĀRĀBĪ, Abū Nasr. **El camino de la felicidad.** Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. Madrid: Trotta, 2002.

AL-FĀRĀBĪ, Abū Nasr. **La ciudad ideal.** Apresentação de Miguel Cruz Hernández, traducción y notas de Manuel Alonso Alonso. 2ª Ed. Madrid: Tecnos, 1995.

AL-FĀRĀBĪ, Abū Nasr. **L'épître sur l'intellect.** Traduction, introduction et notes de Dyala Hamzah. Paris: L' Harmattan, 2001.

AL-FĀRĀBĪ, Abū Nasr. **Libro de la política.** In: **Obras filosóficas y políticas.** Edición y traducción de Rafael Ramón Guerrero. Madrid: Liberty Fund y Editorial Trotta, 2008.

ARISTÓTELES. **The Nicomachean Ethics.** Translated by David Ross, revised with an introduction and notes by Lesley Brown. New York: Oxford University Press, 2009.

JANOS, Damien. **Method, Structure, and Development in al-Farabi's Cosmology.** Leiden/Boston: Brill, 2012.

RAMÓN GUERRERO, Rafael. La concepción del hombre en al-Fārābī. **Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos. Sección Árabe-Islam,** Norteamérica, v. 23, p. 63-83. 1974.

RAMÓN GUERRERO, Rafael. El Intelecto Agente en al-Fārābī: Un comentario a su Epístola sobre el intelecto. **Revista Española de Filosofía Medieval.** Madrid, v. 9, p.19-31, 2002.

RAMÓN GUERRERO, Rafael. **La recepción árabe del De Anima de Aristóteles:** Al-Kindi y Al-Fārābī. Madrid: Consejos Superior de investigaciones científicas, 1992.

SANTOS, Virgínia Braga da Silva. **A conquista da felicidade por meio da religião na perspectiva de al-Fārābī.** 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Filosofia) – Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35739/3/2018\\_dis\\_vbssantos.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35739/3/2018_dis_vbssantos.pdf). Acesso em: 15/10/2020.